

ARGÈNE
LUPIN



MAURICE LEBLANC

BARNETT
e Associados

AGÊNCIA
BARNETT
E ASSOCIADOS

AS NOVAS AVENTURAS DE

ARGÈNE
LUPIN

Tradução
Luciene Ribeiro
dos Santos



Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural
© 2021 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Traduzido do original em francês
L'Agence Barnett et Cie

Diagramação
Linea Editora

Texto
Maurice Leblanc

Design de capa
Ciranda Cultural

Tradução
Luciene Ribeiro dos Santos

Imagens
vladiwelt/shutterstock.com;
DGIM studio/shutterstock.com;
alex74/shutterstock.com;
YurkaImmortal/shutterstock.com;
Oleg Lytvynenko/shutterstock.com

Revisão
Claudia Deliberai Andreoli

Produção editorial
Ciranda Cultural

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

L445a	Leblanc, Maurice
	Agência Barnett e associados – as novas aventuras de Arsène Lupin / Maurice Leblanc ; traduzido por Luciene Ribeiro dos Santos. – Jandira, SP : Principis, 2021. 160 p. ; 15,5cm x 22,6cm. - (Arsène Lupin)
	Tradução de: L'Agence Barnett et Cie ISBN: 978-65-5552-444-4
	1. Literatura francesa. I. Santos, Luciene Ribeiro dos. II. Título. III. Série.
2021-1346	CDD 840 CDU 821.133.1

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura francesa 840
2. Literatura francesa 821.133.1

1ª edição em 2021

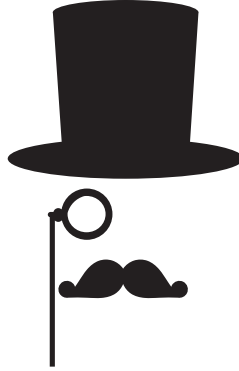
www.cirandacultural.com.br

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

SUMÁRIO

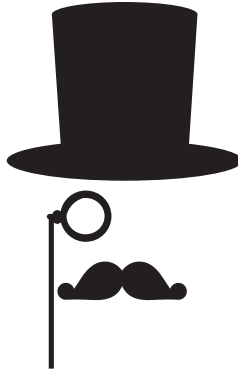
A César o que é de César.....	7
Gotas que caem.....	9
A carta de amor do rei George	30
O jogo de bacará.....	47
O homem com dentes de ouro	64
As doze <i>Africanas</i> de Béchoux.....	81
Milagres acontecem.....	101
Luvas brancas, polainas brancas.....	122
Béchoux prende Jim Barnett.....	144



A CÉSAR O QUE É DE CÉSAR...

Eis a história de alguns dos casos que, nos anos anteriores à guerra, despertavam a opinião pública, tanto mais porque só eram conhecidos por fragmentos e relatos contraditórios. Quem era esse curioso personagem chamado Jim Barnett, que sempre estava envolvido da forma mais divertida nas aventuras mais fantasiosas? O que se passava naquela misteriosa agência privada, Barnett e Associados, que parecia atrair clientes apenas para roubá-los com mais segurança?

Agora que as circunstâncias permitem que o problema seja exposto em pormenores e esclarecido com total certeza, apressemo-nos em dar a César o que é de César, e a atribuir os erros de Jim Barnett àquele que os cometeu, ou seja, ao incorrigível Arsène Lupin. E como ele se portou mal...



GOTAS QUE CAEM

Na recepção do vasto hotel de propriedade da baronesa Assermann, no Faubourg Saint-Germain, soou uma sineta. A camareira chegou quase de imediato, trazendo um envelope.

– Já chegou o cavalheiro que a madame aguardava às quatro horas.

A sra. Assermann abriu o envelope e leu estas palavras impressas em um cartão:

BARNETT E ASSOCIADOS
ATENDIMENTO GRATUITO

– Levem este cavalheiro aos seus aposentos.

Valérie – a bela Valérie, como ela era chamada há mais de trinta anos, infelizmente! – era uma pessoa intensa, madura, que andava ricamente vestida, cuidadosamente elaborada, e tinha conservado consigo grandes pretensões. O seu rosto expressava orgulho, por vezes dureza, com frequência uma certa candura que não era sem encanto. Era a esposa do banqueiro Assermann, e orgulhava-se do seu luxo, das suas relações, do seu hotel, e

em geral de tudo o que lhe dizia respeito. A crônica social a censurava por certos assuntos um tanto escandalosos. Especulava-se que o seu marido tinha pedido o divórcio.

Ela visitou primeiro os aposentos do barão Assermann, um homem idoso de saúde precária, que estava confinado à cama devido a ataques cardíacos, havia semanas. Ela perguntou pelas novidades, ajeitando as almofadas nas suas costas de forma distraída. Ele murmurou:

– Não tocaram a campainha?

– Sim – disse ela. – É o detetive que foi recomendado para o nosso caso. Alguém bastante notável, ao que parece.

– Ótimo – disse o banqueiro. – Essa história está me incomodando, e por mais que eu tente entendê-la, não consigo.

Valérie, que também parecia preocupada, deixou-o e foi para os seus aposentos. Deparou-se com um indivíduo bizarro, de porte atlético, ombros quadrados, sólido na aparência, mas vestido com um casaco preto, meio esverdeado, cujo tecido brilhava como a seda de um guarda-chuva. A figura, enérgica e ricamente esculpida, era jovem, mas danificada por uma pele rugosa, vermelha, que parecia mais um tijolo. Os olhos frios e sem brilho, por trás de um monóculo que ele usava indistintamente no olho direito ou no esquerdo, foram animados por uma alegria juvenil.

– Sr. Barnett? – disse ela.

Ele se inclinou sobre ela, e antes que ela pudesse retirar a mão, beijou-a com um gesto arredondado seguido de um estalido imperceptível da língua, como se apreciasse o sabor perfumado daquela mão.

– Jim Barnett, ao seu serviço, baronesa. Recebi a sua carta, e mal tive tempo de escovar o meu casaco...

Contrariada, ela teve ímpetos de expulsar o intruso. Mas ele demonstrava uma tal casualidade, como um grande senhor que conhece o código de cortesia mundana, que ela só conseguiu pronunciar:

– Disseram-me que estão habituados a resolver assuntos complicados...

Ele sorriu com um ar de vanglória:

– É um dom que eu possuo, o dom de ver com clareza e compreensão. A sua voz era suave, o tom imperioso, e toda a sua atitude era de ironia silenciosa e leve irreverência. Parecia tão seguro de si e dos seus talentos que não se podia escapar à sua própria convicção, e a própria Valérie sentia que já estava sob a influência desse estranho, um vulgar detetive, chefe de uma agência privada. Desesperada para retomar as rédeas da situação, ela insinuou:

– Talvez fosse melhor se estabelecêssemos primeiro entre nós... as condições...

– Totalmente inútil – disse Barnett.

– Mas – ela sorriu por sua vez – o senhor não trabalha pela glória?

– A agência Barnett é totalmente gratuita, senhora baronesa.

Ela parecia perturbada.

– Eu prefiro que o nosso acordo inclua pelo menos algum honorário, alguma recompensa.

– Um cafezinho? – riu ele.

Ela insistiu:

– Não posso, de forma alguma...

– Ter obrigações comigo? Uma mulher bonita nunca é obrigada por ninguém.

E, de imediato, sem dúvida para amenizar a brincadeira rude, ele acrescentou:

– Não tenha medo, baronesa. Quaisquer que sejam os serviços que lhe prestarei, farei com que fiquemos totalmente quites.

O que significaram estas palavras obscuras? O indivíduo tencionava pagar a si próprio? E de que natureza seria o pagamento?

Valérie teve um arrepio de vergonha e corou. Realmente, o sr. Barnett despertava nela uma ansiedade confusa, não muito diferente dos sentimentos que se têm em relação a um ladrão. Ela também pensava... meu Deus, sim... ela pensava, que poderia estar lidando com um galanteador, que tinha escolhido esta forma invulgar de entrar em sua casa. Mas como

ela poderia saber? E, em todo o caso, como reagir? Estava intimidada e dominada, ao mesmo tempo confiante e bastante disposta a submeter-se, fosse o que fosse. E assim, quando o detetive a interrogou sobre a razão pela qual ela tinha procurado a agência Barnett, ela falou claramente e sem preâmbulos, pois ele exigia que ela falasse. A explicação não foi longa: o sr. Barnett parecia ter pressa.

– No penúltimo domingo – disse ela – eu tinha reunido alguns amigos para jogar bridge. Fui para a cama bastante cedo e adormeci como de costume. O barulho que me despertou por volta das quatro horas, exatamente quatro e dez da manhã, foi seguido pelo que pareceu o som de uma porta se fechando. Veio do corredor.

– Ou seja, deste corredor? – interrompeu o sr. Barnett.

– Sim, este corredor leva ao meu quarto – o sr. Barnett curvou-se respeitosamente em direção ao quarto –, e a outra extremidade do corredor conduz às escadas traseiras. Não tive medo. Depois de um momento de pausa, eu me levantei.

Nova saudação do sr. Barnett perante a visão da baronesa se levantando da cama.

– Então – disse ele – a senhora se levantou?

– Levantei-me, entrei e acendi a luz. Não havia ninguém, mas aquela pequena vitrine estava caída, com todos os objetos, bibelôs e estatuetas que se encontravam nela, e algumas estavam quebradas. Fui até os aposentos do meu marido, que estava lendo na cama. Ele não tinha ouvido nada. Muito preocupado, ele telefonou ao *maître* do hotel, que imediatamente iniciou as investigações, que foram assumidas pela manhã pelo comissário de polícia.

– E qual foi o resultado? – perguntou o sr. Barnett.

– Aqui está. Sobre a entrada e saída do indivíduo, não há pistas. Como é que ele entrou? Como ele saiu? Um mistério. Mas encontramos, debaixo de um pufe, entre os escombros das bugigangas, um coto de vela e uma chave de fenda, muito suja. Bem, sabíamos que na tarde anterior, um encanador tinha reparado as torneiras do lavatório do meu marido, no seu banheiro.

O patrão foi interrogado e reconheceu a ferramenta e a outra metade da vela foi encontrada na casa dele.

– Portanto, – interrompeu Jim Barnett – temos então uma certeza?

– Sim, mas ela se contradiz por outra certeza, igualmente indiscutível e realmente desconcertante. A investigação provou que o trabalhador tinha tomado o expresso de Bruxelas às seis horas da tarde, e que tinha chegado lá à meia-noite, ou seja, três horas antes do incidente.

– Caramba! E ele voltou para trabalhar?

– Não. Perdemos o seu rastro em Antuérpia, onde ele estava gastando dinheiro como louco.

– E é só isso?

– Absolutamente tudo.

– Quem está acompanhado este caso?

– O inspetor Béchoux.

O sr. Barnett mostrou extrema alegria.

– Béchoux? Ah! Grande Béchoux! Um grande amigo meu, baronesa. Já trabalhamos juntos muitas vezes.

– Foi ele, de fato, que me falou sobre a agência Barnett.

– Provavelmente porque não estava mais conseguindo avançar, certo?

– Exato.

– Grande Béchoux! Como vou ficar feliz por lhe fazer um favor... Bem como para a senhora, madame baronesa, acredite... Especialmente a senhora!

O sr. Barnett foi até a janela, onde se inclinou para a frente e ficou a pensar por alguns momentos. Tamborilou os dedos na janela e assobiou uma pequena melodia de dança. Finalmente voltou à sra. Assermann e disse:

– A opinião de Béchoux e a sua, senhora, é de que houve uma tentativa de roubo, não é verdade?

– Sim, tentativa infrutífera, uma vez que nada foi levado.

– Sejamos francos. De qualquer maneira, esta tentativa tinha um objetivo preciso, e é de suma importância saber qual era. O que seria?

– Não sei – respondeu Valérie, após uma ligeira hesitação.

O detetive sorriu.

– A senhora me permite, baronesa, que eu encolha os meus ombros respeitosamente?

E, sem esperar pela resposta, estendeu um dedo irônico em direção a um dos painéis de tecido que emolduravam o aposento, acima do pilar, e perguntou como se pergunta a uma criança que esconde um objeto:

– O que há debaixo desse pano?

– Nada! – disse ela espantada. – O que isso significa?

O sr. Barnett disse num tom sério:

– Significa que a inspeção mais rápida mostrará que as bordas deste retângulo de tecido estão um pouco gastas, baronesa, e parecem, em alguns lugares, estar separadas da carpintaria por uma fenda e tudo indica que há um cofre escondido.

Valérie estremeceu. Como, com base em pistas tão vagas, o sr. Barnett pôde adivinhar?... Com um movimento brusco ela deslizou o painel indicado. Ela descobriu uma pequena porta de aço e acionou febrilmente os três segredos do cadeado. Uma ansiedade irracional a esmagava. Embora a hipótese fosse impossível, ela se perguntava se o estranho homem não a tinha roubado durante os poucos minutos em que esteve sozinho.

Tirou uma chave do bolso, abriu a porta e sorriu imediatamente com satisfação. Ainda estava ali o único objeto depositado, um magnífico colar de pérolas de três voltas, que ela agarrou rapidamente e desenrolou como uma cascata sobre seu pulso.

O sr. Barnett começou a rir.

– Agora está mais tranquila, baronesa. Oh, esses assaltantes são tão experts e ousados! Precisa ter cuidado, baronesa, pois é realmente uma peça muito bonita e eu compreendo por que foi roubada.

Ela protestou.

– Mas não houve roubo. Se houve alguma tentativa de roubá-lo, a tentativa falhou.

– Acredita nisso, madame baronesa?

– Sim, acredito! Aqui está ele! Eu o tenho nas minhas mãos! Uma coisa roubada desaparece. E ele está aqui.

Ele retificou pacificamente:

– Temos aqui um colar. Mas tem a certeza de que este é o *seu* colar? Tem certeza de que este tem algum valor?

– Mas, como! – disse ela exasperada. – Não faz nem duas semanas que o meu joalheiro o avaliou em meio milhão.

– Quinze dias... ou seja, cinco dias antes daquela noite... Mas, e no presente? Note que não sei nada... Não o examinei... Simplesmente suponho... E pergunto, a senhora não tem nenhuma suspeita em meio à sua certeza?

Valérie estava atônita. De que suspeita ele falava? Com que propósito? Sentia uma ansiedade crescente e confusa, causada pela insistência realmente dolorosa do seu interlocutor. Entre suas mãos abertas ela pesava a massa de pérolas amontoadas e agora esse volume parecia tornar-se cada vez mais leve. Ela examinou e os seus olhos discerniam cores diferentes, reflexos desconhecidos, uma semelhança chocante, uma perfeição equívoca, todo um conjunto de detalhes perturbadores. Nas sombras de sua mente a verdade começava a brilhar cada vez mais distinta e ameaçadora.

Barnett modulou uma pequena gargalhada de alegria.

– Perfeito! Perfeito! A senhora está quase lá! Está no caminho certo! Apenas um pouco mais de esforço, baronesa, e verá claramente. É tudo tão lógico! O adversário não rouba, mas substitui. Desta forma nada desaparece e, se não fosse aquele maldito barulhinho na janela, tudo teria ficado no escuro e permaneceria desconhecido. A senhora não saberia, até segunda ordem, que o verdadeiro colar tinha desaparecido e que estava a exibir sobre seus brancos ombros um colar de pérolas falsas.

A familiaridade da expressão não a chocou. Ela suspeitava que havia algo mais. O sr. Barnett curvou-se perante ela, e sem dar a ela tempo para respirar, foi diretamente ao ponto e articulou: